



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE LUZIÂNIA
PEDAGOGIA

BRUNA GABRIELLE DE ANDRADE BRAGA

REALIDADE E DESAFIOS DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA NEGRA

Um estudo a partir dos anos iniciais do ensino fundamental

LUZIÂNIA – GO

2016

BRUNA GABRIELLE DE ANDRADE BRAGA

REALIDADE E DESAFIOS DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA NEGRA

Um estudo a partir dos anos iniciais do ensino fundamental

Texto apresentado em nível de trabalho de conclusão como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Luziânia, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Manoel Adão.

LUZIÂNIA – GO
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UEG

Unidade Universitária de Luziânia

BRUNA GABRIELLE DE ANDRADE BRAGA

REALIDADE E DESAFIOS DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA NEGRA

Um estudo a partir dos anos iniciais do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão submetido à Comissão Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Pedagogia como requisito para obtenção de grau de licenciado em pedagogia.

Luziânia, _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Nome: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Dedico este trabalho aos meus pais José Geraldo Braga e Maria Ivonete de Andrade Braga.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais José Geraldo Braga e Maria Ivonete de Andrade Braga pelo carinho e esforço para que eu estudasse, por me incentivarem e acreditarem no meu sucesso sempre e me apoiarem nos momentos difíceis.

Aos colegas do curso de Pedagogia UEG - Câmpus Luziânia, pelos momentos especiais partilhados.

Agradeço a Universidade Estadual de Goiás e a todos os professores do curso de Pedagogia.

Agradeço ao meu orientador professor Doutor Jorge Manoel Adão, pela paciência e zelo com que me ajudou a conduzir esse trabalho.

“O Brasil tem recursos naturais, mas passa fome, é naturalmente rico, mas vive

endividado, é negro e mestiço, mas deseja ser europeu.”

(Abdias Nascimento)

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
LISTA DE SIGLAS	09
INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA	12
1.1 Breve histórico da chegada dos negros no Brasil	12
1.2 Contextualização	13
1.3 O negro e a educação	15
2 QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS A ESCOLA E O ALUNO	
2.1 Autoestima	17
2.1 Identidade	18
2.3 Identidade negra	20
2.4 Escola e a construção da identidade negra	21
2.5 Mito da democracia racial	23
2.6 Racismo	24
3 CONTEXTO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO	27
3.1 Escola Municipal Francisco Vieira Lins Naldo	26
3.2 Metodologia de pesquisa e análise de dados.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

RESUMO

O presente trabalho visa trazer uma reflexão a respeito de como é a realidade e os desafios da autoestima da criança negra, uma questão relevante para se refletir, tendo em vista a discussão que temos atualmente sobre as questões étnico-raciais. Por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando autores respeitados da área como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes e Eliane Cavalleiro. Ainda apresento uma pesquisa de campo, onde se pode perceber na prática as dificuldades existentes para lidar com o assunto. Percebe-se em campo que não há projetos para trabalhar a temática, os professores não estão preparados para situações de conflito onde envolva a temática racial e também não se sentem à vontade para falar do assunto, por falta de conhecimento e preparo. Levantaremos algumas questões e confirmaremos algumas hipóteses.

Palavras-chave: Escola. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Autoestima. Criança Negra.

ABSTRACT

This study aims to bring a reflection about how the reality and challenges of self-esteem of black children, a relevant question to consider, in view of the discussion that we currently have on the ethnic and racial issues. Through literature search, using respected authors of the area as Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes and Eliane Cavalleiro. Still present a field survey, which can be seen in practice the difficulties to deal with the matter. It is noticed that on the field there are no projects to work on the subject, teachers are not prepared for conflict situations which involve racial theme and also do not feel comfortable talking about it, for lack of knowledge and preparation. We will raise some questions and confirm some hypotheses.

Keywords: School. Years Elementary School Initials. Self esteem. Black child.

LISTA DE SIGLAS

IBGE- [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística](#)

PPP- Projeto Político Pedagógico

SECADI- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

INTRODUÇÃO

Quando falamos da figura do negro no Brasil, por exemplo, o pensamento muitas vezes logo nos remete a escravidão; aqui, lembramos que o passado do povo negro é de liberdade no continente africano. Ou seja, várias questões sobre o negro e sua cultura são estereotipadas. É preciso estar atento às referências que a criança negra tem e, mais ainda, é preciso desconstruir esses estereótipos. Como nos lembra Munanga (2001, p. 07)

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores, o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional.

Discorrer acerca da autoestima da criança negra se faz necessário nos dias atuais, pois há um intenso debate sobre as relações étnico-raciais, preconceito e racismo. No entanto, não devemos nos esquecer de como a criança internaliza todas essas questões. A falta de referências positivas no seu meio e no decorrer do seu desenvolvimento causa prejuízos na formação de uma identidade positiva da criança negra. O que a criança percebe sobre si mesma e suas origens influenciam na sua formação e no seu crescimento como pessoa e como um indivíduo com autoestima positiva.

Tendo presente este contexto, citado acima, este trabalho possui como objetivo geral conhecer a realidade e os desafios da autoestima da criança negra: um estudo a partir dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E, como objetivos específicos: (a) fazer uma pesquisa bibliográfica, documental e legal sobre as questões que envolvem a autoestima da criança negra; (b) realizar uma pesquisa de campo na escola municipal Francisco Vieira Lins Naldo sobre a presente temática; (c) e, descrever o campo de pesquisa e analisar os dados pesquisados.

Como problemática de pesquisa questiono: como é o cotidiano da escola e da sala de aula das crianças negras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? e

que questões desse cotidiano interferem ou ajudam na construção da identidade positiva da criança negra ? A pesquisa de campo foi realizada na escola municipal Francisco Vieira Lins Naldo na cidade de Luziânia do estado de Goiás - GO. A pesquisa é qualitativa, na modalidade de estudo de caso e com a técnica de entrevista semiestruturada.

No presente trabalho uso como referencial teórico, em especial, autores como: Munanga (2001) "Superando o racismo na escola"; Nilma Lino Gomes (2005) "Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal 10.639/03"; Sara Moitinho, (2008) "A criança negra no cotidiano escolar"; Hileia Araujo de Castro (2014) "A implementação da Lei 10.639/03 e a construção da identidade negra na Rede Municipal da Serra/ES"; Candida Soares da Costa (2002) "Percepções de alunos e professores sobre a discriminação racial no livro didático"; e, "Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2000) "Movimento negro e educação", dentre outros autores.

Este trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro capítulo faço um breve histórico sobre a chegada dos negros no Brasil, abordo sobre o negro e a educação, além de fazer uma contextualização da temática. No segundo capítulo é apresentada uma abordagem teórica, principais conceitos. No terceiro capítulo consta a metodologia a apresentação com as características da escola pesquisada, descrição da pesquisa e análise dos dados.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

1.1 Breve histórico da chegada dos negros no Brasil

Trazidos de forma desumana e passando por muitos sofrimentos, a partir do século XVI, os negros foram traficados do continente Africano para o continente Americano: foram nove milhões de africanos transportados só para o Brasil, para servirem aqui como escravos. Todo o desenvolvimento do Brasil Colônia, incluindo as riquezas produzidas passou pelas mãos dos escravos africanos (MATTOSO, 2001).

Mesmo com a abolição da escravatura, em 1888, o escravo ainda não se torna livre, mesmo após sua “liberdade” ainda sofre restrições, como por exemplo, o direito de votar, sobre isso Mattoso (2003, p. 201) nos lembra que:

Para se tornar eleitor primário, o brasileiro tem de comprovar uma renda anual de 100.00 réis em espécie, em bens de raiz ou provenientes de um trabalho ou de um cargo. São poucos os eleitores que dispõem dessa renda, tendo gasto todo o pecúlio que conseguiram acumular na compra da alforria. Se o escravo teve de fazer um empréstimo geralmente de longos anos para ressarcir seu débito.

Mesmo alforriado, o ex-escravo não consegue gozar dos seus direitos de homem livre, pois não tem acesso às mesmas oportunidades. A substituição do escravo pelo imigrante foi uma forma de exclusão e algo que não mudou a estrutura da sociedade, para que assim os negros pudessem ter uma chance de mobilidade social. Desde que pisou pela primeira vez no território brasileiro, o negro tem sido um resistente (SANTOS, 2007).

A população brasileira é formada em sua grande maioria por pessoas que se autodeclaram pretas e pardas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), no último censo ouve um aumento das pessoas que se declararam pertencentes a esse grupo. Ou seja, o Brasil contava com 191 milhões de habitantes dos quais 15 milhões se declararam como pretos (7,6%) e 82 milhões como pardos (43,1%). Assim, entendo por negro os pretos e pardos conforme a classificação do IBGE.

A história do povo africano foi contada através da perspectiva do colonizador e assim chegou até nós, muito da verdade foi omitida e silenciada juntamente com os protagonistas da história, não abordar a história do negro em

sala de aula é estudar de forma incompleta a história do Brasil e de seus diferentes povos (LUIZ e AMÉRICO, 2011).

1.2 Contextualização

Por um lado, o Brasil é sempre lembrado por ser um País rico culturalmente, um País pluriétnico, formado com a contribuição de diversos povos; por outro lado, ainda precisamos trabalhar muito para ser um País lembrado também por viver em harmonia, em um ambiente de respeito e valorização das diferentes culturas que aqui existem. Infelizmente, toda essa riqueza também é fonte para desrespeitos, preconceitos e discriminações e ainda há um racismo velado por trás de várias atitudes (LUIZ e AMÉRICO, 2011).

O questionamento que fica é se as crianças que são educadas no País que temos hoje estão sendo educadas para o respeito à diversidade e a valorização das culturas que são diferentes; e, se são formadas para terem o pensamento crítico de forma a questionar e combater os vários níveis de desrespeitos para com o outro.

Sabe-se que a criança constrói sua autoestima a partir do que ela vivencia e a partir de suas referências. A criança negra tem tido boas referências e um ambiente saudável e de respeito para com as suas origens e cultura? Esse ambiente é propício para uma construção saudável da autoestima e uma imagem positiva de si mesmo? A respeito disso, Silva (2001, p.14) afirma:

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a negação dos seus valores culturais e preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações.

Ao longo da história, a população negra e sua cultura foram estigmatizadas e tratadas como inferiores e foram levados a pensar que o que vem do branco é superior, seja sua cultura, suas características ou sua cor. O ideal de branqueamento produzido há muitas décadas continua atuante e determinando comportamentos inadequados nos sujeitos. A autoestima sofre influência direta deste processo muito bem descrito por certos antropólogos. (SILVA JR. e VASCONCELOS, 2013, p.10).

A criança vê, vive e internaliza todo este ideal de branqueamento, assim ela não vê vantagem em ser negra e ela passa a negar tudo isso e se autorrejeitar. Esses fatores favorecem uma autoestima baixa e a procura por um ideal universal de beleza, na ilusão de se tornar aquele outro ou se libertar da dominação e inferiorização (SILVA, 2001, p. 23).

Lamentavelmente falar da história do povo negro é falar de escravidão e racismo também, essas são as maiores referências e lembranças para o povo negro de hoje sobre sua história. São poucas ou quase nenhuma as situações onde o negro se vê bem representado na sociedade em papéis de importância e que imponham respeito (LUIZ e AMÉRICO, 2011).

Juntamente com a família, a escola também tem um papel imprescindível na formação da criança como um todo, mas é na escola também que a criança pode ter seu primeiro contato com as mazelas da nossa sociedade: como desigualdades, discriminação, racismo, dentre outras, que podem afetar severamente o desenvolvimento da criança. Dentre tantas dificuldades, vê-se na escola uma oportunidade de ascensão, pois tendo estudo seria mais fácil mudar a sociedade e ter chance de oportunidades melhores na vida.

A escola, que seria o lugar mais favorável para aprender que a sociedade precisa ser mais justa e respeitar a todos, na grande maioria das vezes é omissa e é reprodutora de preconceitos e desigualdades. É preciso analisar e repensar muito as atitudes e hábitos do dia a dia escolar (CASTRO, 2014).

A questão da diversidade étnico-cultural, o racismo e seus derivados, que deveriam ser trabalhados na escola e explorado de forma crítica pelos educadores dentro das salas de aula; muitas vezes sequer são mencionados, claro sem levar em conta datas comemorativas abordadas em um contexto pobre e superficial sem acrescentar e valorizar nada. A abordagem não efetiva de tais temas torna a educação do aluno pobre e ineficiente, conforme a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade¹ (SECAD, 2002) do Ministério da Educação - MEC.

Percebe-se que, dentre outros fatores, está a falha do professor em não intervir em uma situação onde ocorreu uma atitude racista ou que menospreze, de alguma maneira, a cultura ou a diferença de alguém. O racismo é sustentado cada

¹ Atualmente Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI.

vez que nos calamos e deixamos passar alguma coisa (GOMES, 2001). Ou seja, os educadores precisam agir frente a essas situações de forma enérgica e crítica, ensinando assim seus educandos a não se calar diante de tais coisas como, atitudes que menosprezem a cultura, religião, cor ou características físicas do outro.

1.3 O negro e a educação

Abordar a temática racial na escola é uma oportunidade para o trabalho de desconstrução dos preconceitos e estereótipos e, assim, construir uma imagem positiva negra. É nessa abertura que planejamos e criamos táticas para o combate das desigualdades e discriminações (GOMES, 2001).

A questão da multiculturalidade é uma temática atual e que está sendo bastante discutida, não há como deixar de pensar nos dias de hoje na melhor forma de abordar o tema e ainda como abordar de forma eficiente. A escola não é só um espaço de construção do conhecimento, mas um espaço de debates e formação do pensamento crítico (GOMES, 2001).

Falar de temáticas tão polêmicas na escola é preciso para que se possa provocar a reflexão e um posicionamento crítico do aluno. É preciso que se entenda o porquê e o para que de tal discussão. As origens culturais fazem parte da construção da identidade positiva da criança e fornecem bases para o desenvolvimento saudável da autoestima (MOITINHO, 2009).

Estudos e pesquisas demonstram que a trajetória escolar da criança negra é marcada por inúmeros fatores que atrasam seu desenvolvimento e comprometem seu sucesso escolar. Fatores como evasão, atraso no desenvolvimento, analfabetismo e repetência tem indiretas maiores quando se trata da população negra. (PINTO, 1993).

A criança negra passa por mais adversidades em seu percurso escolar, outro fator preponderante nesse percurso é a pobreza, que faz a trajetória escolar ser mais curta mais tumultuada e de má qualidade (PINTO, 1993). A escola e o docente devem entender que cada criança vem de um contexto distinto e, portanto, é essencial que as práticas dentro da escola sejam diversas, para que se possa atingir com eficácia o maior número possível de alunos.

Nesse contexto é preciso entender que livros didáticos e currículos não abordam com tanta propriedade todas as culturas e diversidades existentes; por

isso, é preciso estar atento e repensar as práticas. Uma aliada na luta contra a discriminação e construção de uma sociedade mais justa é a Lei 10.639, de janeiro de 2003, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afrobrasileira e africana na educação básica, possibilitando assim que haja um espaço para a discussão deste tema imprescindível, que faz parte da formação e da história do Brasil.

A questão que urge é a eficiência dessa Lei, citada acima, e a formação de professores para tal questão, ter a Lei é um avanço, porém de nada adianta se não tivermos docentes qualificados e conscientes da importância que é a mudança de pensamento a respeito da origem histórica do povo negro. Ou seja, mesmo a escravidão tendo marcado o povo negro brasileiro seu passado é de liberdade no continente africano. (MATTOSO, 2001).

No processo de construção de uma identidade negra positiva, a escola tem um papel de destaque sendo ela, depois da família, um dos primeiros contatos da criança com a sociedade; é lá que ela absorve e desenvolve gradativamente sua personalidade, sua autoestima. Quando se tem o objetivo de contribuir de forma positiva para esse desenvolvimento dentro da escola é preciso repensar ações atitudes e todas as práticas que possam interferir (MOITINHO, 2009).

Um recurso essencial e que pode passar despercebido é o livro didático instrumento de propagação do que quer que seja, inclusive conceitos e valores negativos. Uma frase, figura ou texto pode dizer muita coisa. É preciso um olhar minucioso por parte do professor e uma análise do material de trabalho (Silva, 2001).

O que é mais alarmante é que os professores em sua grande maioria não percebem e alguns negam a existência de conteúdos discriminadores e racistas. Rejeita-se a ideia de que isso exista, o que pesquisas e estudos já confirmaram é que o livro didático é um instrumento de comando e poder das relações sociais e raciais. (COSTA, 2002).

2 QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS: A ESCOLA E O ALUNO

No presente capítulo, como abordagem teórica, apresentamos o contexto e entendimento dos seguintes temas: autoestima, identidade, identidade negra, escola e a construção da identidade negra, mito da democracia racial e racismo.

2.1 Autoestima

A autoestima é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento humano, na construção de suas características e de sua personalidade. O seu não desenvolvimento poderá ocasionar problemas que dificultarão suas relações consigo e com a sociedade. (SILVA, MEDEIROS, DELFINO, MATIAS E RIBEIRO, 2015, p. 01).

O Racismo no Brasil tem raízes históricas, se a figura do negro é malvista e mal representada como se dá a construção da autoestima de uma criança que é negra e percebe e passa por várias destas situações desde pequena?

Na pesquisa de Silva Jr e Vasconcellos. (2013) são comparadas crianças quilombolas e crianças negras de uma periferia aspectos como autoestima e identidade. É nítida a diferença de percepção que elas têm de si mesmas. O quilombo já sofre com resquícios da ideologia do branqueamento, mas não de forma tão avassaladora como na periferia. Dentre os métodos utilizados, as crianças fizeram autorretratos e por meio desses desenhos mostrou-se que algumas crianças tinham dificuldade em se aceitar, seus desenhos quase ou nada tinham a ver com sua real aparência. Todos esses padrões pré-estabelecidos e reproduzidos sobre o que é ser negro o que é ser branco mexem profundamente com o indivíduo e a formação da percepção de si mesmo (ANDRADE, 2001, p. 114 apud SILVA JR, 2013, p.11).

A memória, vinda das experiências com a escola, a igreja, os meios de comunicação, com as expressões orais- piadas, musicas, anedotas, vaias etc.,- mantem em evidencia uma clara referência ao passado escravo vivido pela ancestralidade negra no Brasil. A introjeção desse passado fragmenta negativamente a identidade da criança negra quando ela quer 'reconhecer-se no passado e imaginar-se no futuro'.

A falta de modelos positivos para a criança nesses meios exerce uma ação nociva causando a formação de uma autoestima que não é saudável e se torna prejudicial, formando um conceito negativo sobre si mesmo. A baixa autoestima

prejudica em vários aspectos a vida do sujeito inclusive em seu aprendizado (SILVA JR, 2009).

A família influencia diretamente a autoestima da criança por isso a necessidade de um ambiente saudável, acolhedor e motivador para um desenvolvimento favorável. O professor, sendo um adulto de destaque para a criança, influencia também nesse processo, a criança se espelha e reproduz atitudes dos adultos que estão ao seu redor (SILVA et al., 2015).

A autoestima e o autoconceito são dois fatores essenciais para que o indivíduo possa estar bem psicologicamente e sentir se motivado (ZAMBON, 2003). É importante entender que a baixa autoestima reflete no desempenho escolar da criança, o seu desenvolvimento depende de vários fatores e a escola é um fator primordial e de grande relevância nesse processo, quando a criança compreende o meio em que vive é mais fácil para que ela aprenda a se valorizar (SILVA et al., 2015).

2.2 Identidade

Importante para estabelecer relações e criar vínculos a identidade é algo inerente as pessoas, Silva (2002) nos fala que ela é um elemento primordial para o indivíduo se consolidar na sociedade, ela é construída pouco a pouco com interferências e contribuições de todo tipo de interação e experiência.

A identidade não é algo inato, ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros faz parte de cada um de nós e nos aproxima dos nossos pares (GOMES, 2005, p.41). Com uma permanente construção, através das relações e significados atribuídos aos sujeitos, num processo dinâmico de reelaboração, contradição, afirmação e negação a identidade torna se um fator primordial na construção da personalidade (ALVES, 2012, p.10).

São através das experiências sociais que a criança vai entendendo seu lugar no mundo, através do modo que é tratada ela vai formando a opinião que tem

sobre si mesma (SILVA, 2002). A escola, sendo um espaço de vivência e primeiras experiências da criança, é também responsável pela construção de sua identidade; por isso a importância de estarmos atentos a qualidade dessas experiências para a criança absorver coisas positivas sobre si mesma.

A escola precisa levar o aluno a conhecer outras culturas e ter consciência do pluralismo cultural existente no Brasil (OLIVEIRA, 2001); a escola necessita ensinar a criança sobre suas origens, sua herança cultural e que as pessoas têm histórias distintas e que todas contribuíram para a formação do país que temos hoje.

A identidade, segundo Gomes (2001), engloba vários aspectos como expressões culturais através da dança, religiosidade e tradições; conhecer toda essa realidade torna o aluno mais próximo do outro; assim, levando-o a compreender e respeitar hábitos e costumes que são diferentes do seu.

A escola não precisa tratar todos de forma homogênea, o espaço escolar está repleto de diversidade e todos devem ser tratados conforme sua particularidade (ALVES, 2012). Assim, o professor deve estar sempre atento que cada aluno vem de um contexto diferente, por isso é necessário buscar sempre estar se capacitando para lidar com a variedade de alunos.

Quando o aluno tiver conhecimento da diversidade que é formada a nossa cultura e das muitas origens que provem as pessoas, ele terá a oportunidade de formar um pensamento crítico, é preciso compreender, respeitar, questionar e estudar a história do negro. Se o aluno negro não conhece sua história, como poderá se orgulhar dela; e, o aluno não negro se não conhece, como poderá respeitar. A escola que temos ainda está baseada num padrão eurocêntrico, negando muitas vezes o pluralismo étnico-cultural e racial da sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2001).

2.3 Identidade negra

Identidade é a convicção que um indivíduo tem de pertencer a um determinado grupo social, convicção essa adquirida a partir de afinidades culturais, históricas, linguísticas etc (LOPES, 2006, p. 79). No Brasil construir uma identidade negra positiva, significa enfrentar o mito da democracia racial, o racismo e a educação eurocêntrica que se recebe desde pequeno. Para alcançar uma identidade positiva é preciso conhecer suas origens, entender sua história e ver de forma positiva sua herança cultural.

No desenvolvimento da percepção de si mesma, a criança está exposta as atribuições negativas de suas características que num processo cultural e histórico foram desvalorizados (SILVA, 2002). Tudo é substituído pela valorização do que é de origem e característica do homem branco.

Na construção da sua identidade, a criança vai recorrer as suas memórias e buscar por referências, se a pessoa tem referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial por isso a importância de ressaltar aspectos positivos e desconstruir mitos negativos a respeito da história negra. (ANDRADE, 2001, p.115).

Um dos enfoques a ser desconstruídos é a forma como se conta na escola como se deu a formação do povo brasileiro, conta se de forma rica e elaborada a história da Europa e de seu povo; e quando chega na parte dos negros se diz apenas que veio da África para ser escravo apenas reforçando a ideia de que o povo africano veio somente para ser mão de obra e que sua história não interessa, é só isso que se precisa saber (NASCIMENTO, 2001).

Existe a ilusão, que é reforçada na escola, de que a identidade dos povos de origem africana se resume a escravidão, trabalho braçal, inferioridade intelectual, atraso tecnológico, falta de desenvolvimento cultural, moral, ético e estético como um indivíduo pode ver com bons olhos ser descendente de um povo assim? Se desenvolve a sensação de que a cultura europeia é superior de que o que vem de lá seja o que for será sempre melhor (NASCIMENTO, 2001).

2.4 Escola e a construção da identidade negra

A escola faz parte da vida do indivíduo e também inspira seu desenvolvimento como pessoa, na formação de sua autoestima e personalidade ela estará presente tendo um papel de destaque no processo; é nela que se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra (GOMES, 2003 p. 167).

É no espaço escolar e familiar que a criança recebe suas primeiras referências que irão contribuir para a construção da sua identidade, mas é também na escola que a criança encara os primeiros conflitos por estar num ambiente com diferentes grupos raciais (GOMES, 2012). A escola se torna algo com grande poder de persuadir positivamente ou negativamente a construção da sua identidade. Sobre isso Alves (2012, p.18) afirma:

Analizamos que a sala de aula, espaço específico na instituição escolar, onde o educando passa a maior parte do tempo interagindo com as ideias, os comportamentos e as atitudes que implícita ou explicitamente, podem interferir, afetar, influenciar ou prejudicar a construção de uma identidade negra positiva, principalmente, no que se refere a sua cor e cabelo.

Existe a dificuldade em reconhecer que as crianças são tratadas de forma diferente (CAVALLEIRO, 2001), onde questiona-se se a sociedade deseja mesmo que exista uma democracia racial; pois no dia a dia comprova-se a maneira desigual que são tratadas criança branca e negras.

Em uma pesquisa realizada por Cavalleiro (2001), nota-se a diferença de tratamento quando se trata de crianças brancas e crianças negras, na relação entre professor e alunos brancos naturalmente há contato físico e outras demonstrações de afeto o que ocorre de forma contrária entre o professor e o aluno negro. Ou seja, mostrou-se a escassez de contato físico e a falta de estimulação por parte do professor, o que provocava um sentimento de inferioridade na criança negra e resultava num incentivo do sentimento de hierarquia e superioridade por parte da criança branca.

A escola reflete o que é a sociedade, a criança negra sofre com a exclusão simbólica em situações como imagens estereotipadas de negros, a falta de personagens negros no livro didático e histórias literárias e práticas que valorizam crianças brancas, com isso inicia se o processo de negação de si mesma e introduzindo a ideologia do branqueamento (SILVA, 2001, p. 16 apud ALVES, 2012, p. 6).

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a ser rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos.

É preciso estar atento e repensar práticas e atitudes diante de situações de conflito racial, se o educador é omissivo diante de uma atitude ofensiva a criança se sente menosprezada o que lhe dá a sensação de abandono e descaso (CAVALLEIRO, 2001).

Segundo Gomes (2003), a maneira como são tratados o negro e sua cultura podem tanto valorizá-los como estigmatizá-los, e até mesmo ensiná-los a negar-se, ou seja, em diversos momentos a escola provou não ser um ambiente de valorização do negro da sua cultura ou estética. É preciso que a escola se envolva e se mostre ativa na desconstrução de estereótipos e preconceitos.

O que a criança pensa de si mesma, como ela se vê no mundo e como é tratada tem ligação direta com sua aprendizagem (CAVALLEIRO, 2001). Um indivíduo que carrega consigo um sentimento de inferioridade, baixa estima e insegurança, que qualidade poderá desempenhar em seu processo de aprendizagem afinal assim ele se considera incapaz (SILVA et al., 2015). Por isso o educador estando atento pode colaborar para o fortalecimento de sua autoestima e, conseqüentemente, da construção positiva de sua identidade.

É necessário que as crianças se sintam num ambiente feliz e acolhedor e que sejam tratadas da melhor maneira possível sem diferenciação por serem de uma cultura ou cor diferente; devem ser respeitadas e ensinadas a respeitar, e devem ser lembradas que todos têm suas particularidades e que estas devem ser sempre tratadas com todo o respeito. A educação é um processo que visa o desenvolvimento do ser humano, e a escola é o espaço sociocultural responsável pelo trato pedagógico do conhecimento e da cultura (GOMES, 2001).

Moura (2001) nos lembra que é um desafio para escola uma educação que contemple as muitas identidades que formam o povo brasileiro. E que é preciso um currículo que mencione as diversas origens da sociedade brasileira.

2.5 Mito da democracia racial

Ser um País formado por diversos grupos étnico-raciais não significa que exista harmonia nessa convivência, as estatísticas comprovam as desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho na saúde e nas condições de vida da população negra (GOMES, 2005). No entanto, se prega que existe uma sociedade justa para qualquer cidadão, independentemente de sua cor, o que ajuda a mascarar o problema do racismo enfrentado todos os dias pelos negros; tenta-se apagar um passado de escravidão e injustiças e nega-se o fato de que os descendentes sofrem até hoje resquícios desse passado.

O mito da democracia racial é uma ideologia que nega a existência da desigualdade entre brancos e negros fruto do racismo, e que todos têm os mesmos direitos e oportunidades por conta disso percebe-se um comportamento de negligência e indiferença para com a situação dos negros no Brasil (GOMES, 2005).

O mito da democracia racial, ao mesmo tempo que nega a diferença de tratamento entre a população branca e a população negra, corrobora estereótipos e preconceitos, reforçando a discriminação e as desigualdades raciais sugerindo assim que se a população negra não alcança as oportunidades que teoricamente são iguais para todos é por que são incapazes colocando-os como inferiores (Gomes, 2005).

Gomes (2005) afirma que foi oportuno para o Brasil divulgar essa visão romântica das relações raciais no país, ajudando a esconder o racismo e a profunda desigualdade histórica entre negros, índios e brancos. E se esquecendo que foi por conta da escravidão, da dominação do homem branco contra o negro e o índio que existe hoje um país miscigenado que hoje é tido como motivo de orgulho.

2.6 Racismo

O racismo brasileiro, além de pregar a anulação da população negra, vê ela como inferior e subordinada (Silva, 2002); da mesma maneira que se aprende a ser racista, podemos aprender também a desconstruir esse sentimento.

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoa que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam, na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (GOMES, 2005, p. 52).

É preciso deixar sempre explícito que a sociedade brasileira é racista, e que o racismo brasileiro não existe só por conta de diferentes culturas, mas também por diferenças estéticas corporais que esses sujeitos têm é preciso reconhecer efetivamente a existência do problema para combatê-lo de forma eficaz (GOMES, 2005).

Sant' Ana (2001) nos lembra que em outros tempos como na idade média a discriminação era praticada por questões religiosas, políticas, de nacionalidade e de linguagem; e não em diferenças biológicas ou raciais como é o caso hoje, o racismo está presente em todos os segmentos da sociedade e a escola não está isenta dele.

Quando a criança presencia um momento de discriminação ela pode depois reproduzi-lo sem pensar, apenas pelo fato de ter visto um adulto fazendo, o racismo causa impactos psicológicos e sociais nas crianças. Segundo estudo feito pela Unicef (2009), o racismo tem um impacto direto no desenvolvimento da criança, e independentemente de sua cor seja ela negra, branca ou indígena, ela percebendo o tratamento desigual desenvolve a ilusão que cada um deve ocupar um lugar necessariamente diferente na sociedade.

A criança somente registra, não tendo capacidade ainda para distinguir o que é certo ou errado, o que é saudável ou não, não conseguindo discernimento. É por meio da educação que a cultura introjeta os sistemas de representações e as lógicas construídas na vida cotidiana (e também transformados) por gerações e gerações (GOMES, 2003, p.170).

A escola assume um compromisso de mudança social, mas ainda mostra resistência em assumir que propaga e reproduz práticas racistas, sentimentos de preconceito e ações de discriminação racial; basta observar que nem todos têm acesso à educação escolar e que também nem todos têm condição de permanecer (LOPES, 2001).

A prática do racismo no Brasil acontece desde o século XVI e foi conveniente principalmente por interesses econômicos e sociais, os povos africanos foram tratados de forma desumana e trazidos para serem escravos pelo colonizador branco e europeu. Os povos africanos ainda não tinham uma tecnologia de guerra desenvolvida, não por conta de incapacidade biológica, mas por diversos outros fatores; ao contrário do que pensam muitos africanos viviam em liberdade na África, onde já existia uma organização social bem significativa (SANT'ANA, 2001).

O racismo da forma que é praticada hoje é bem recente, conveniente para a dominação europeia sobre os povos das Américas, Ásia e África, ele inicia-se com o tráfico de pessoas para serem escravizadas e se consolida após a revolução industrial europeia. O racismo como forma de dominação trazia lucros para o colonizador branco, era mão de obra sem custo. O preconceito e o mito que o branco é superior infelizmente ainda resistem, foram muitos anos construindo uma ideologia de superioridade e os descendentes até hoje sofrem com esse sentimento ainda bem vivo na sociedade (SANT'ANA, 2001).

A ideia do racismo gera o preconceito, opinião predeterminada sobre algo ou alguém, e que influencia as relações de modo negativo demonstrando falta de conhecimento e intolerância, os clichês que existem sobre o outro levam a julgamentos sem fundamentos (SANT'ANA, 2001).

Segundo um levantamento feito pela Unicef em 2009, no Brasil vinte e seis milhões de crianças e adolescentes são de famílias pobres, desses, dezessete milhões são negras, a pobreza atinge 32% das crianças brancas e 56% das crianças negras, uma criança negra tem 70% de risco de ser pobre e o fato de ser negra é o que mais explica essa estatística. Isso nos leva a refletir por que com tantas políticas e Leis para diminuir o abismo da desigualdade social e promover o respeito entre as diferentes etnias as crianças negras ainda aparecem em uma monstruosa desvantagem.

A escola tem o papel importante na formação de cidadãos críticos e conhecedores dos seus direitos e deveres, importante ressaltar que a escola não é o único ambiente onde ocorre manifestação de racismo e que os educadores não são os únicos responsáveis por deixar ele acontecer, pelo contrário a escola é um ambiente que provoca profundo impacto na vida da criança e os educadores tornam-se fortes aliados na luta contra o racismo e seus derivados (CAVALLEIRO, 2001).

Para que se possa alcançar igualdade de oportunidades para todos é preciso que as pessoas tenham conhecimento e aprendam que o racismo é um problema de todos, é que ele destrói quem pratica e quem é vítima desta prática (ANDRADE, 2001). É necessário que a escola esteja consciente dos seus deveres e que promova a convivência harmônica e respeitosa entre as diferenças, a escola como parte da sociedade tem a responsabilidade e o poder de transformação e precisa estar comprometida com a mudança (Lopes, 2005).

3 CONTEXTO E ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

No início do presente capítulo apresento uma diagnose social da Escola Municipal Francisco Vieira Lins Naldo, onde foi realizada a pesquisa de campo; a metodologia utilizada na pesquisa, os procedimentos e a análise.

3.1 Escola Municipal Francisco Vieira Lins Naldo

Histórico e contexto

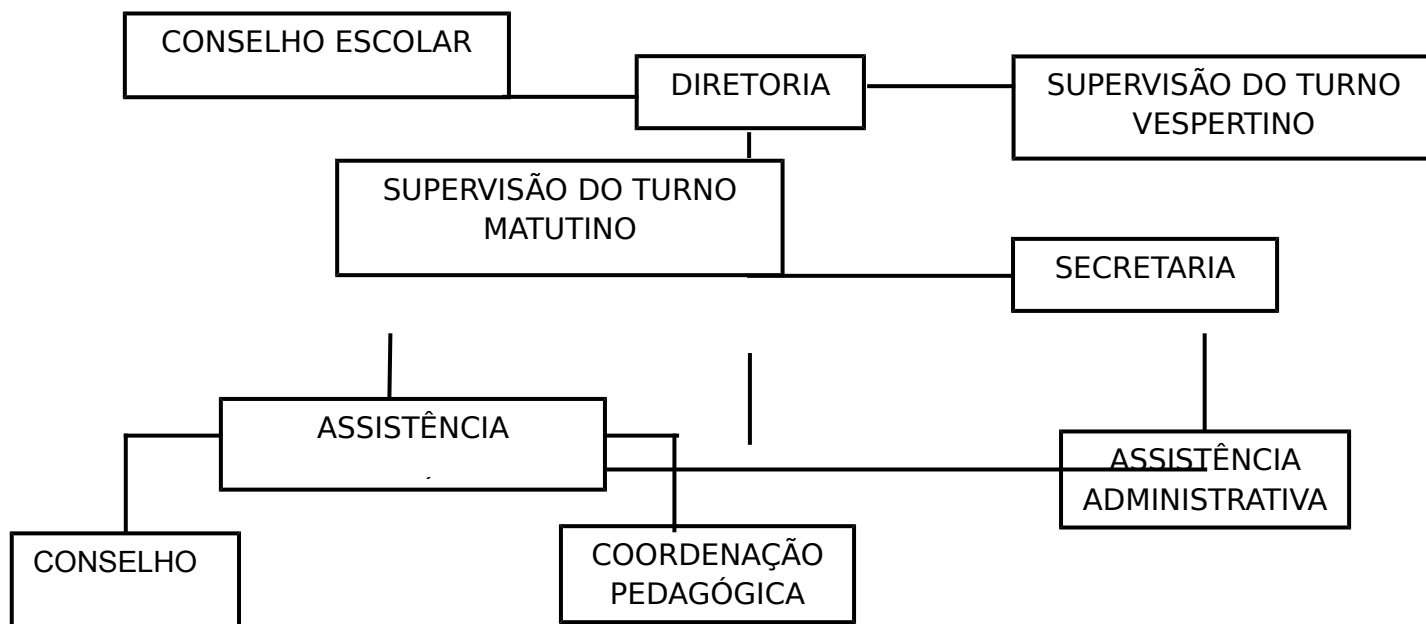
A Escola Municipal Francisco Vieira Lins localiza-se no Parque Estrela Dalva IV, na Rua 22 Quadra 269 na cidade de Luziânia - estado de Goiás (GO), CEP 72.821-210, telefone (61) 3620-4241. Esta instituição oferece educação básica na modalidade Anos Iniciais do Ensino Fundamental; com o horário de funcionamento dividido em dois turnos: sendo matutino das 07h15min às 12h15min, e, vespertino das 12h30min às 17h30min (Projeto Político Pedagógico - PPP, 2016).

Esta escola é pioneira no Parque Estrela Dalva IV e seus adjacentes, atendendo atualmente uma média de 950 alunos, distribuídos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Por ser uma unidade escolar periférica, atende crianças e adolescentes com baixo poder aquisitivo e social, fatores motivadores para se persistir na valorização do indivíduo e da família.

Ao longo dos seus 36 anos, esta escola trabalha políticas de valorização como: interação comunidade e escola, fortalecimento do processo ensino aprendizagem e a valorização ao educando como agente modificador da sociedade. O nome da escola Francisco Vieira Lins foi constituído a partir da lei nº 3.309 de 13 de outubro de 2009 sob a autoria do senhor Gastão de Araújo Leite, que altera a Lei Nº 2.821 de 2004 que dá a denominação ao colégio municipal localizado no Parque Estrela Dalva IV. A origem do nome foi sugerida a partir da necessidade de homenagear a um ilustre morador do bairro Dalva IV, que foi aluno desta unidade escolar e após alguns anos funcionário da mesma e vereador desta cidade (PPP, 2016).

Organização administrativa

A escola possui a seguinte organização administrativa como pode ser visualizado no fluxograma:



Fonte: Projeto Político Pedagógico - PPP (2016).

Atendendo em média 950 alunos, a estrutura física contém: dezessete salas de aula; um laboratório de informática; um sala de professores; uma sala de vídeo; dois banheiros para uso dos alunos; uma cozinha com depósito; um depósito para materiais de limpeza e materiais pedagógicos; uma sala destinada ao atendimento ao público; sala da direção; um banheiro para uso dos funcionários; uma quadra poliesportiva coberta; um pátio com área coberta; uma guarita de vigilância e uma sala multifuncional (PPP, 2016).

Organização curricular

As atividades pedagógicas são realizadas por meio de diversos métodos, respeitando sempre a natureza da disciplina lecionada em cada componente curricular; e levando-se em conta a autonomia do professor na escolha do meio para efetivação do processo de ensino-aprendizagem.

A escolha dos conteúdos é realizada com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2001), no Currículo Referência Educacional 2016/2016 do Município de Luziânia – Goiás; e no Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás (2013); buscando inserir o educando em seu meio social (PPP, 2016). Há um Conselho Escolar realizado juntamente entre o diretor, supervisor pedagógico professores e comunidade escolar. A participação é realizada de maneira dinâmica e conjunta na tomada de decisões entre os envolvidos, buscando sempre atender as necessidades dos alunos de acordo com o contexto em que está inserido.

O relacionamento entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e cotidiano escolar é de valorização da ética profissional na interação com o próximo, de cooperação mútua e de solidariedade; buscando auxiliar uns aos outros no desenvolver de sua função. A harmonia entre os profissionais é valorizada para que os mesmos tenham rendimento em suas funções.

Objetivos

O objetivo central da prática pedagógica se encontra na motivação do aluno pelo gosto da descoberta, buscando uma aprendizagem contextualizada e significativa. A organização escolar é realizada de forma funcional, respeitando a diversidade das classes, selecionando os recursos pedagógicos e elegendo critérios específicos de avaliação. Buscam-se as relações interpessoais prazerosas, a socialização e a produção de conhecimentos orientada para o exercício da cidadania plena.

Deseja-se ampliar os conhecimentos do aluno, através da Zona de Desenvolvimento Proximal, estimulando-a com o uso de intervenções e trabalhos em grupos, utilizando-se da Pedagogia de Projetos (John Dewey) de empreendimento de aprendizagem e atividades permanentes. Têm se orientada a metodologia por uma abordagem dialética, criando-se um ambiente de situações problematizadas as e desafiadoras, favorecendo a postura crítica, curiosidade e autonomia do educando no seu processo de aprendizagem.

3.2 Metodologia de pesquisa e procedimentos de análise

Metodologia é o estudo da melhor maneira de abordar determinados problemas no estado atual do conhecimento, escolhendo o melhor caminho para lograr os objetivos pré-estabelecidos e fundamentados nos questionamentos das realidades teóricas e empíricas estudadas. (REIS, 2012, p. 49).

Esta pesquisa é uma abordagem qualitativa que, segundo Reis (2012), tem o objetivo de decifrar e dar sentido a informações analisadas sem quantificar os dados. Classificada na modalidade estudo de caso que é a técnica de pesquisa com base empírica que consiste em selecionar um objeto de pesquisa, que pode ser um fato ou fenômeno, um determinado caso estudado nos seus vários aspectos. (REIS, 2012, p. 58).

Por meio de entrevistas, foi colhida algumas informações sobre a temática no dia a dia escolar. Conversei com vários educadores na escola sobre a temática, todos os abordados acharam a pesquisa importante e disseram sentir a necessidade de mais projetos dentro da escola para se trabalhar a temática racial e a questão da autoestima das crianças, em especial das crianças negras. Porém, quando abordados para a entrevista de fato se recusavam alegando que preferiam não participar da pesquisa formal ou ainda temiam serem identificados na entrevista gravada, das oito docentes que convidei para a entrevista somente duas aceitaram falar e pediram para não revelar nome, nem turma nem turno. O roteiro de entrevista foi o seguinte: (a) existe algum projeto para trabalhar a temática racial aqui na escola? (b) em sua opinião o que você acha que falta? Quais os desafios? (c) e, você já presenciou algum caso de racismo?

Existe algum projeto para trabalhar a temática racial aqui na escola?

Professora A: Não, aqui na escola não existe, embora a gente trabalhe assim um conteúdo que puxa o assunto, mas projeto mesmo não.

Quando o aluno tiver conhecimento da diversidade que é formada a nossa cultura e das muitas origens que provêm as pessoas ele terá a oportunidade de formar um pensamento crítico, é preciso compreender, respeitar, questionar e estudar a história do negro (OLIVEIRA, 2001). Se o aluno negro não conhece sua história, como poderá se orgulhar dela; e, o aluno não negro se não conhece, como

poderá respeitar. A escola que temos ainda está baseada num padrão eurocêntrico, negando muitas vezes o pluralismo étnico-cultural e racial da sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2001).

Você já presenciou algum caso de racismo, alguma coisa?

Professora B: *Olha uma vez eu estava na sala de aula eu presenciei um coleguinha, xingando o outro colega...*

O que ele falou?

Professora B: *Ele chamou ele de preto, mas aí eu advertir ele, conversei com ele, falei que não tem diferença só por causa da cor dele e tentei impor para os alunos e até trabalhei esse tema em sala mas não como projeto.*

É preciso estar atento e repensar práticas e atitudes diante de situações de conflito racial, se o educador é omissivo diante de uma atitude ofensiva a criança se sente menosprezada o que lhe dá a sensação de abandono e descaso (CAVALLEIRO, 2001).

Em um outro relato de uma docente que não quis gravar o depoimento ela diz que presenciou um caso de racismo onde *um aluno xingou o outro de negro, ela disse que brigou com a criança e explicou que não poderia xingar o colega com esse nome*. Interessante a docente e a criança ter o termo negro como ofensivo.

As atribuições e associações feitas com a cor preta levam a criança a ter aversão a pele negra, não querendo de maneira nenhuma se vincular a nada que lembre a sua cor, reconhecer e ensinar que a diferença é algo bom e que a diversidade é enriquecedora é uma das atitudes necessárias para contribuir para a construção saudável da autoestima e do autoconceito de si mesmo (SILVA, 2001).

Em conversa com uma educadora falávamos de como é necessário abordar essa temática nas escolas e de que falta formação para os professores, *ela me disse que realmente acredita que o racismo existe, mas que ainda bem na escola em questão não havia esse tipo de coisa*. A negação de algo que está sempre tão presente e que ela pode não perceber é preocupante, o ambiente escolar é onde se partilha não só saberes e conhecimentos, mas também culturas, hábitos e também preconceitos diversos (Gomes, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo formado por diversos povos não vivemos no Brasil de forma harmoniosa, a população de negros e pardos que são mais da metade da população brasileira ainda sofre resquícios dos tempos da escravidão. Por esse histórico ainda hoje são negados direitos básicos a esta população. Quando falamos de negros no Brasil logo nos veem a mente escravidão, racismo, dentre outras coisas que infelizmente o negro enfrenta ainda hoje no País.

É imprescindível que se trabalhe com a comunidade escolar e se dar maior atenção à formação de professores para que seja construído uma consciência de que precisamos falar de forma mais profunda sobre relações étnico-raciais e que precisamos trabalhar de forma efetiva para que todos na pratica contribuam com ações que possa resultar em mudanças.

Tudo que envolve a cultura negra é apresentado de forma estereotipada e a escola reproduz tudo isso sem refletir ou questionar tais atitudes, se tivéssemos educadores bem formados a respeito das questões raciais e uma escola comprometida em mudar esses paradigmas, teríamos mais pessoas engajadas em desconstruir falsas verdades a respeito da história dos negros e preocupados em valorizar as origens de todos.

O atual ambiente que temos não é saudável para a construção da autoestima da criança negra, precisamos de um ambiente que não estigmatiza, que não a trate de forma inferior, a construção da autoestima sofre influência direta de todas essas questões.

As crianças negras estão sendo prejudicadas está sendo negado a elas o conhecimento de sua verdadeira história e raízes culturais, tudo é apresentado de forma distorcida reforçando e contribuindo para um ciclo de preconceito e perpetuação do racismo, a realidade da criança negra é que ela é fortemente impactada por todas essas mazelas presentes na sociedade em geral e reproduzidas na escola.

O cotidiano da criança negra na escola é de exclusão, ela não se vê representada em lugar algum, e quando raro isso acontece é de maneira humilhante, degradante em posição inferior ou ainda remetendo a escravidão, como se essa fosse a única verdade para a origem da pessoa negra. Livros didáticos, histórias literárias reproduzem isso, as escolas não estão atentas a essa questão ou pior ainda há educadores que não acreditam que isso afete as crianças negras

. Os educadores precisam se posicionar e trabalhar de forma a mudar esses pensamentos. Após a pesquisa de campo podemos corroborar questões levantadas aqui no trabalho como: a criança negra tem sua autoestima afetada por conta do racismo presente contra o negro na sociedade; a escola não está isenta do racismo, ela propaga e reproduz; a formação da identidade bem como da autoestima e do autoconceito acontece de forma distorcida; educadores não sabem como agir diante de situações de racismo, grande parte não tem nem formação para lidar com a questão, não se tem práticas, ações que visem mudar essa perspectiva dentro da escola.

É inconcebível que em um país onde mais da metade da população é formada por negros e pardos eles ainda não tenham maior representatividade, seja negado a eles a apresentação verdadeira da sua história e valorização de sua cultura. É necessário, que em primeiro lugar, se aceite o fato de que o racismo existe dentro das escolas também; é que todos somos responsáveis por reproduzi-lo, e que todos somos responsáveis também por desconstruir essa situação e nos comprometer com a mudança.

É necessário, levar as pessoas a questionarem esses padrões pré-estabelecidos, esses conceitos e valores distorcidos da realidade, qual o sentido de discriminar e tratar de forma desigual alguém por conta de características físicas? Precisamos construir relações de respeito e ensinar nossos alunos que a diversidade faz parte condição humana e que ela só agrega e por isso devemos respeitar e valorizar a diferença de cada um.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mirelle Candido. **Relações etnorraciais na escola: o papel do/a educador na construção da identidade negra**. 2012. 29 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2003.

Brasil, MEC. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: Mec/SEF, 2005;

CASTRO, César Augusto; SOUSA, Maria Conceição Pereira de. Pedagogia de projetos na biblioteca escolar: proposta de um modelo para o processo de pesquisa escolar. **Perspectivas em ciência da Informação**, v. 13, n.1, p.134-151, jan. /Abr. 2008.

CASTRO, Hileia Araújo de. A implementação da lei 10.639/03 e a construção da identidade negra na rede municipal da Serra/ES. In: **II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades da UFES**, 4 a 6 de agosto de 2014. P. 01-11.

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor** em In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo negro, 2001. P.141-160.

COSTA, Candida Soares da. **Percepções de alunos e professores sobre a discriminação racial no livro didático**. 2002. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Candida+SoaresPercep%C3%A7%C3%B5es+de+alunos+e+professores+sobre+a+discrimina%C3%A7%C3%A3o+racial+no+livro+did%C3%A1tico&ie=utf-8&oe=utf->

8&client=firefox-b-ab&gfe_rd=cr&ei=EfFPV_ieJsrT8ge00YW4Ag>. Acesso em: 02 mar. 2016.

ESTADO DE GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás**. 2013. Disponível em: <<http://seduc.go.gov.br/imprensa/documentos/arquivos/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia/Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%Aancia%20da%20Rede%20Estadual%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Goi%C3%A1s!.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, p.167-182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 39-62.

LOPES, Nei. **Dicionário Escolar afro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro, 2006.

LUIZ, Viviane; AMÉRICO, Márcia Cristina. **Uma experiência com formação de professores: a lei 10.639 e os diferentes modos de ser criança**. Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa *Identidade!* Da escola Superior de Teologia (Faculdade EST). Disponível em: <<http://www.est.edu.br/periódicos/index.php/identidade>>.

LUZIÂNIA. Secretária Municipal de Educação. **Currículo Referência Educacional 2016/2016 do Município de Luziânia – Goiás**. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/nv3bhvq7loig8te/Curr%C3%ADculo%20Preliminar.pdf?dl=0>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. Secretária Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico 2016** da Escola Municipal Francisco Vieira Lins.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MOITINHO, Sara. A criança negra no cotidiano escolar. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/413>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MUNANGA, Kabengele. (Org). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola** em In: ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da educação, 2005. P.111-118.

O impacto do racismo na infância, Unicef 2009 Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/br_folderraci.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2016.

PINTO, Regina Pahim. Movimento negro e educação do negro: a ênfase na identidade. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.86, p, 25-38, ago. 1993.

REIS, LINDA G. **Produção de Monografia da teoria à pratica: o método educar pela pesquisa (MEP)**. Brasília: Senac-DF,2012.

ROMÃO, Jeruse. **O educador, a educação e a construção de uma auto- estima positiva no educando negro** em In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo negro, 2001. P.161-178.

SILVA, Ana Célia da Silva. A desconstrução da discriminação no livro didático em In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2001. P.13-27.

SILVA JR., Gérson Alves; VASCONCELOS, Sibela de Barros Mata. **Auto-estima em afrodescendentes: a partir de estudos comparativos**. 2013. Disponível em: <<http://ideario.org.br/wp/wp-content/uploads/2013/10/gerson-e-sibela.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

SILVA, Samia Paula dos Santos. MEDEIROS, Jarles Lopes de. DELFINO, Jair. MATIAS, Emanuela Ferreira. RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem**. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV050_MD1_SA9_ID487_09102015000936.pdf. >

SANTOS, Sandra. Panorama das lutas do negro no Brasil in SILVA, Dilma de Melo (org.) **Brasil: sua gente e sua cultura**. São Paulo, terceira Margem, 2007.pag.39-71.

SILVA, Vera Lúcia Neri. **As interações sociais e a formação da identidade da criança negra.** 2002. P. 1-18 parte da dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense- UFF (Niterói- RJ)

ZAMBOM, Melissa Picchi. **Uma comparação racial da auto-estima e do auto-conceito de adolescentes negros e brancos.** 2003. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.